

Stadium

N.º 390 ★ 24 - MAIO - 1950 ★ 2\$50



PORTUGAL 2—ESCÓCIA 2
Ben David, um dos heróis da partida, numa bela jogada de cabeça

Portugal 2-Escócia 2

SUPERIORIDADE PORTUGUESA

em toda a linha e aspectos

Crónica de TAVARES DA SILVA

A selecção portuguesa de futebol realizou, indiscutivelmente, um bom desafio contra a Escócia. Alguns defeitos que, em pesquisa profunda, certamente conseguiremos descobrir-lhe não são suficientes para desfazer a impressão de conjunto. Se objectarmos que, embora precedida de grande fama, a equipa da Escócia nunca se transformou num adversário muito difícil, prestamos ainda um caloroso elogio ao Onze português. Porque nos parece lícito considerar que a inferioridade manifesta do futebol escocês se deve também, em grande quinhão, à maneira como os portugueses manobram. As equipas valem, afinal, o que o adversário lhes consente, e a selecção portuguesa não deu ao seu antagonista espaço vital para manobrar, cortando-lhe todas as veleidades desde o primeiro instante.

Ao pôrmos a selecção portuguesa sob a luz da crítica, esta surge-nos como uma realidade de ataque, deixando a defesa um pouco na sombra. Poderá parecer, à primeira vista, que, a defesa, pela circunstância de ter menos trabalho não dá tanto nas vistas. Talvez. Na verdade, o Grupo das Quinas desenvolveu futebol de ataque maravilhoso, ficando na sombra o aspecto defensivo da equipa. Fora isso, porém, julgamos que a defesa não atingiu grande nível, nem era necessário, em contraste com a linha deanteira que se exibiu fulgurantemente.

Tornaram-se notadas várias falhas no aspecto defensivo, que se traduzem na falha de conjugação dos seus movimentos, exibindo ainda um futebol parado e sem reflexos. O certo é que a nossa defesa demorou a entrar em acção, sucedendo que, várias vezes, ao intervir, já estava batida e não podia recuperar. O exemplo do segundo golo da Escócia é característico.

Em todo o caso, sempre que um grupo se faz e joga ao ataque, deliberadamente, são os avançados que marcam melhor a sua presença, vindo ao de cima a virtuosidade dos seus elementos.

Impressionou-nos singularmente a forma simples e natural como os nossos atacantes penetraram na defesa da Escócia. Estivemos em dia de singular beleza e compenetração, mas isso não constitui atenuante suficiente para uma defesa de grande categoria. E nos momentos grandes que se conhecem os jogadores!

Os escoceses desorientaram-se quase por completo em muitos lances, a sua estrutura abriu brechas, e os defensores

desorientaram-se ao ponto de terem apenas, e mais que uma vez, um só objectivo: — afastar a bola de qualquer forma.

Semelhante toada que os portugueses conseguiram imprimir à partida coagiu o team da Escócia a não se organizar devidamente no plano do ataque. Quando uma defesa sabe cortar o jogo do antagonista e tem tempo suficiente para organizar as suas avançadas — tudo corre pelo melhor. Os esquemas são desenvolvidos de trás para a frente com precisão, visto haver tempo suficiente para organizar as ofensivas, dando-lhe a indispensável estrutura. Mas se os homens se vêem na dura obrigação de acorrer aos lances, muito perigosos, o caso muda inteiramente de figura. Quando há fogo, a primeira preocupação é sempre dominá-lo, e depois ver-se-á o que se poderá fazer na construção.

Por via disso, a equipa da Escócia nunca se desenvolveu convenientemente no futebol ofensivo, e os seus deanteiros sentiram-se pouco menos do que perdidos no deserto... Em condições diferentes, é provável que a linha de ataque britânica tivesse dado a imagem da sua força, que supomos apenas ser regular. Os raros esquemas desenvolvidos com método dizem-nos que esses atacantes são capazes de produzir obra útil, mesmo interessante. Mas no comum das jogadas, por falta de apoio, esses deanteiros não ultrapassaram a média que é lícito exigir aos grupos simplesmente de valor médio.

Do nosso lado — tudo se passou ao contrário. Com jogo fornecido a todo o momento pelos médios, principalmente por Canário, e encontrando-se este em forma física e técnica realmente notáveis, os deanteiros de Portugal puderam dar-se inteiramente à sua tarefa específica e estarem tranquilos no que diz respeito à defesa do seu grupo.

Consideramos pela nossa parte que o médio sportinguista (Canário) teve uma grande influência em tudo que se passou, e por isso não concebemos que ele continuasse no seu posto — no instante em que não pôde realizar o seu trabalho. Seria preferível passá-lo para uma função menos trabalhosa.

Influência não significa, porém, razão de ser única. De que serviria a tarefa brilhante de Canário se na frente não estivessem unidades de boa manobra que se sobbessem servir-se do futebol que lhes era dado? E' por isso que, no jogo moderno, cada vez as peças estão mais ligadas umas às ou-

tras, e as actividades de cada um adquirem um perfeito sentido de conjunto. Isto parece-nos tanto mais exacto quanto é certo que a má carburação de uma só peça influe logo no rendimento de todas as outras.

Ora, o ataque português subiu a grande altura. Foi um perfeito conjunto de manobras que soube conceber e realizar *jogo de todos*, com magnífica velocidade e uma ideia esplêndida de desmarcação.

Chegados a este ponto, se a maneira de Travaços ou de Albano se tornou mais notada, e tal depende das características individuais, é fora de dúvida que o trabalho de Ben David influiu singularmente no desenvolvimento do jogo. Há muito tempo, e dizêmo-lo com sinceridade que não exclui admiração, que não viamos em actividade um elemento com tão perfeito sentido de mobilidade, que afinal pôs a cabeça doída ao seu adversário.

Foram tão fulgurantes as suas desmarcações, aliás, seguidas por todos os seus companheiros, que a defesa da Escócia perdeu a ligação e os componentes dela nunca mais encontraram o seu sítio. Assim tão depressa vimos Ben David na esquerda como no lado direito, mas toda esta movimentação não representava loucura. Era antes, e acima de tudo, um produto consciente de quem sabe o que está a fazer, e o rendimento desse giro impressionante não podia deixar de tornar-se eficaz.

Toda a primeira parte levaram estes homens em trocas de posição, dominando a bola com técnica quase exemplar, acercando-se facilmente da baliza da Escócia. Esta movimentação, somos os primeiros a deplorar, não teve a consequente tradução prática, mas tal deve-se à evidente falta de remate que nos caracteriza e não a outros factores. Compreendemos que o responsável escocês haja dito que uma asa esquerda como a que se exibiu faria figura em qualquer sítio do mundo onde se saiba o que é futebol, porque o estilo destes homens é impressionante e o espírito segue atrás do que o embala, mas quere-nos parecer que, em Ben David, está a razão fundamental desse brilho de ataque não esquecendo que, enquanto que a asa esquerda joga muitas vezes no mesmo sítio, não progredindo, o interior Vazquez denota notável poder profurante. O seu jogo parece uma lâmina que corta o espaço.

Era impossível manter o mesmo ritmo em toda a partida. Se atingissemos esse

ponto, raras equipas conseguiriam resistir-nos. Fatal e necessariamente, a velocidade tinha de abrandar, e o ataque português de se recolher à manobra um pouco mais lenta e por isso talvez melhor estruturada. Parece-nos impossível como não conseguimos a vitória, mas o futebol é jogo sujeito à lei da sorte e do azar.

Pacheco Nobre deve ser observado à luz de uma estrela e na ideia que não estava completamente integrado na equipa. Serafim fez também uma exibição apagada, de grande entusiasmo, não tendo, porém, em conta que um jogador não deve ultrapassar por sistema o seu raio de acção, mesmo quando o futebol corre de forma favorável.

E já não se pode manter a estrutura da defesa tal como foi apresentada. Serviu-nos o facto da equipa da Escócia se ver forçada a renunciar ao ataque, mas as jogadas dos golos são suficientemente expressivas. Em condições normais, com uma defesa bem organizada, teríamos saído do Vale do Jamôr com brancura de tentos. Barrosa não está afeto, apesar de ter jogado a médio, à ideia que da defesa se parte para o ataque. Felix, pelo seu lado, tem este culto, mas não se encontra em esplendor de forma. Carvalho apresenta-se magnífico de recursos, não tendo talvez deixado uma tão grande impressão como nas últimas exhibições. Dizemos, mesmo, e aprez-nos registar o facto, que o seu jogo está na transição do entusiasmo para a técnica pura. De Ernesto pode dizer-se que cumpriu, redimindo uma outra falha sensível com lances que o acreditam como guardaredes de classe.

A temporada internacional findou. Da equipa que evolucionou em Chamartin para a que esteve no Estádio Nacional há uma diferença notória. Lendo-se a constituição dessas equipas, a de Madrid e a do Jamôr de domingo passado, tem-se uma ideia verdadeira do caminho percorrido ou da evolução. Em estrutura e mecanização também os progressos foram evidentes, permitindo que a Escócia haja dado a sensação de equipa que só tinha a aprender conosco, ao passo que Portugal representou o papel de mestre. Os escoceses levaram que contar para a sua terra. Que o que se passou sirva de exemplo para o futuro, que os dirigentes não durmam e que a selecção seja preparada com tempo. Não basta dizer que fizemos o melhor jogo de todos os tempos, conceito mais do que discutível, é indispensável fazer tudo para vencer. Raras equipas, por maior categoria que tenham conseguido passar em Portugal — desde que a marcação os desafios internacionais, a escolha dos jogadores e a preparação da equipa sejam feitas conscientemente. Talvez isto seja pedir de mais. Conhecemos bem o meio. Mas trata-se de uma legítima aplicação do futebol português.

Tavares da Silva

UM FEIXE DE OPINIÕES

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.^ª
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

OS dirigentes, jogadores e técnicos portugueses e escoceses, confraternizaram no passado domingo, durante um banquete oferecido pela Federação Portuguesa de Futebol no Casino Estoril.

Presidiu ao mesmo o prof. eng.º André Navarro e encontravam-se presentes as individualidades mais representativas do desporto nacional.

A alegria era desbordante, sendo unânimes os louvores ao excepcional comportamento da equipa lusitana, que realizou a melhor exibição de sempre, nos primeiros 45 minutos da partida. Todavia como não há bela sem senão, Canário, Barrosa e Pacheco Nobre, acusavam ainda, e mórmente o primeiro, o incómodo físico resultante dos «toques» recebidos enquanto evoluíram no esplêndido tapete do Jamor.

Durante o repasto, procurámos recolher opiniões. E, porque elas exteriorizam o estado de alma dos declarantes, cinco horas após o termo da partida, aqui as deixamos arquivadas para que constem.

OCTAVIO BARROSA foi o primeiro a ser inquirido. Estava pálido de nós. Muito interessado, no momento em que o abordámos, a verificar o número de assinaturas que já tinham sido feitas nos gomos da bola que foram pontapeada durante a tarde. Vasques, Travassos, Virgílio, Rogério, Serafim, Ernesto, Capela, Castela, Carvalho etc. Eis, textualmente, as suas afirmações: Foi um prazer, para mim, dirigir pela segunda vez a equipa nacional, vez esta em que toda a equipa demonstrou ser o nosso futebol um valor positivo. Não posso deixar de abraçar todos os meus queridos colegas que, com uma disciplina excepcional, e uma vontade sem par, souberam lutar da melhor maneira para elevar ao máximo o nosso desporto-rei e colocá-lo no pedestal porque há tanto tempo ansiávamos. Enfim. Que mais podia eu desejar como desportista que está terminando a sua

carreira? Esta alegria perdurará na minha vida e compensará desgostos sofridos pelo caminho tão cheio de escolhos que são afinal os meus 16 anos de jogador de futebol. Aos meus colegas, o preto da maior gratidão.

VASQUES — disse-nos: Estou satisfeito com o comportamento da equipa. Foi um jogo estupefacente, mas não tivemos sorte. No fim da 1.ª parte devíamos estar a ganhar por 4-2. Gostei dos escoceses. Quanto à minha actuação estou contente.

BEN DAVID — declarou: A sorte foi-nos ingrata. Devíamos ter findado o primeiro tempo com o resultado favorável de 4-2. Todos jogaram com vontade e eu, confesso, tenho pena de não ter sido feliz a rematar.

CANÁRIO escreveu: Para principiar, direi que o resultado conseguido contra a Escócia não foi anormal, mas sim o que estava dentro da lógica, pois a nossa equipa tem capacidade para produzir, aliás como o demonstrou, futebol da melhor qualidade. Não tivemos sorte e a partir de certa altura ressentimo-nos da dureza dos adversários.

VIRGILIO asseverou: Gostei do jogo. Merecíamos ganhar. Demonstramos que em Portugal também se joga futebol. Os onze que alinharam estão de parabéns pelo que fizeram.

CASTELA, afirmou: Gostei muito da 1.ª parte em que podíamos ter conseguido melhor resultado. Tênicamente os escoceses não nos ensinaram nada de novo. São lentos.

CARVALHO exclamou: — Um grande jogo, em que a sorte nos foi adversa.

ERNESTO, radiante, desabafou: Não me esquecerá mais deste jogo. Se as coisas têm corrido de feição... teria havido um resultado histórico.

PATALINO, afirmou: Se a sorte do jogo tem acompanhado a equipa o resultado seria de 4-2 a nosso favor.

SERAFIM, perentório, declarou: Só tenho pena de não voltarmos a jogar, agora, com a Espanha, pois a equipa encontra-se na melhor forma. Gostei do jogo mas tenho pena de que o resultado não fosse aquele que realmente merecíamos. Este desafio não me esquecerá jamais. Faço hoje 25 anos! Parabéns e um grande abraço para o valoroso internacional do Boavista, acrescentamos nós.

PACHECO NOBRE, foi o último a declarar: O encontro foi emocionante. Todos nós lutamos com ânsia para vencer e convencer. Foi pena só termos obtido a segunda aspiração...

Acercámo-nos depois da mesa de honra. O café fumega nas chávenas. Rápidos cumprimentos e mais um feixe de opiniões.

PROF. ENG.º ANDRÉ NAVARRO — Estou encantado com o resultado do encontro, prova real de que o obtido contra a Inglaterra, foi consequência normal do valor atingido pelo

nosso futebol. O comportamento português frente às duas melhores equipas europeias — que empareceiram com a italiana — foi dignificante!

CAP. MAIA DE LOUREIRO — A primeira parte foi muito boa, com supremacia evidente da equipa portuguesa, que deve ter feito os melhores e mais brilhantes 30 minutos de sempre. Na 2.ª, o esforço produzido, teve os seus efeitos. O jogo escocês assemelha-se muito mais ao latino do que ao inglês. Excelente arbitragem, com magnífica cooperação dos portugueses Borques Leal e Paulo de Oliveira que foram evidentemente sérios e honestos no seu trabalho.

SALVADOR DO CARMO e DR. AMADEU RODRIGUES — Hoje, em todo o território português, não pode haver um português triste! O resultado situa de vez o valor do nosso futebol. Parabéns aos jogadores que foram grandes! Os escoceses encararam o encontro como jogo de campeonato. Que o digam Canário, Travassos, Pacheco Nobre, Ernesto, Albano e Barrosa. O resultado é injusto porque não corresponde às situações criadas.

DR. ANTÓNIO J. MELO: Este foi o melhor jogo travado no Jamor. A primeira parte foi brilhantíssima e devia ter acabado com dois tentos a nosso favor. Os portugueses foram, sob o aspecto técnico e de rapidez, superiores aos adversários. A lesão de Canário fez baixar o rendimento da 2.ª parte. A defesa escocesa é superior à inglesa, mas os avançados ingleses são melhores, sobretudo Mortensen e Finney.

RAUL VIEIRA — Nos meus 30 anos de dirigente foi esta a maior tarde de alegria. Gostei tanto, que reputo difícil, se não impossível, que outra formação portuguesa se credite de exibição tão primorosa e convincente.

DR. FACCO VIANA — Foi uma jornada sem igual esta do grupo português, especialmente na 1.ª parte. Nunca vi uma selecção jogar assim. Foi maravilhoso. Os meus mais entusiásticos louvores vão para esses briosos e esforçados rapazes que mereciam ter ganho por 4-2.

BORQUES LEAL — Merecíamos a vitória por 2 tentos de diferença. A primeira parte, simplesmente admirável. Quando tivémos profissionalismo batéremos o pé a qualquer equipa. Arbitragem sem um deslize.

PAULO DE OLIVEIRA — A arbitragem foi primorosa. Azon é uma competência e um óptimo camarada. Gostei bastante do jogo. Devíamos ter ganho por uma diferença de 2 golos.

MARTINHO DE OLIVEIRA — A tarde de hoje é de alegria para o futebol português. Devíamos e merecíamos ter ganho, como os próprios adversários afirmam.

Apresentados à caravana es-

cocesa, foi-nos dito o que se segue:

MR. W. JOHNSTON, presidente do Comité seleccionador: O ataque português impressionou-me fortemente. São cinco esplêndidas unidades. O jogo foi emocionante.

MR. W. PATERSON: Os portugueses jogaram muito. Se houvessem perdido nada haveria a dizer. Estou surpreendido com o valor do vosso futebol.

YOUNG, o capitão — O jogo foi muito bom e o futebol português tem categoria internacional. O resultado está certo. Graças à amizade de Gameiro Pereira, o conhecido e estimado árbitro, regressámos a Lisboa de automóvel na sua companhia e na de Ramon Azon, o árbitro espanhol que apitou o encontro.

A conversa manteve-se durante o percurso, tendo Azon declarado que a colaboração dos dois competentes juizes de linha portugueses tinha sido magnífica e honestíssima, estando tão encantado que a melhor homenagem que lhes podia prestar era a de declarar que não seria possível tão bom entendimento com juizes espanhóis. Leva muitas saudades de Lisboa que visita pela primeira vez, esperando voltar breve para gozar das maravilhas que lhe foi dado observar. Quanto ao jogo ficou espantado com a melhoria profundamente acentuada do nosso futebol, depois do que viu praticar em Chamartin. Tem para o público português as mais lisonjeiras referências pela sua postura e conhecimentos e classifica o relvado do Jamor como maravilhoso. Albano, Travassos e Canário foram para ele os melhores portugueses. O resultado reputa-o de justo e lógico pelo abrandamento da impetuosidade lusitana no segundo tempo. Partirá em breve para o Brasil por ter sido indicado pelo seu país para o Campeonato do Mundo. Entende que os portugueses, pelo que jogaram na 1.ª parte, mereciam estar presentes no Rio de Janeiro.

Por sua vez **GAMEIRO PEREIRA**, gostou imenso da arbitragem e do futebol praticado, na 1.ª parte sobretudo. E ainda nos confidenciou que o conhecido jornalista George Aitken, do Sport Writer, lhe afirmara que há muitos anos não via jogar uma asa esquerda como a nossa, que faria furor em qualquer parte do mundo.

PITTA CASTELEJO

Se V. Ex.ª necessitar um taxi basta telefonar a qualquer hora para

ESTORIL 51

• terá à sua disposição um dos melhores automóveis desta praça. =

CONFORTO • RAPIDEZ
COMODIDADE • ECONOMIA

O DESAFIO contra a Escócia



Octávio Barrosa nas suas funções de capitão da Seleção Nacional



A Seleção portuguesa de futebol que empatou contra a Escócia 2-2



Os capitães de Portugal e da Escócia trocam galardões



Um momento difícil para a Escócia...



Albano está magoado, e Salvador do Carmo revela com eloquência a sua aflição



O grupo da Escócia que se pode considerar feliz por haver empatado no Estádio Nacional



O dia ameaçava chuva. Depois, o sol rrompeu e tivemos até um dia quente. Os vendedores de gelados concentraram-se, beneficiando da temperatura.



Travasso e Steel, dois grandes jogadores em confronto. O português apagou a fama do homem da Escócia

**A CERVEJA
alimenta e fortalece**

Travasso Oliveira

**UM COPO DE CERVEJA
E UM COPO DE SAUDE**



Bauld, de cabeça, com um remate colocado, faz o 1.º golo da Escócia. Tem defesa? — Talvez...

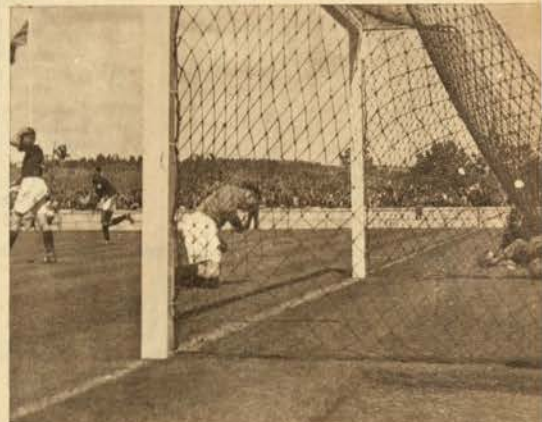


Um pouco depois da primeira bola da Escócia, Lidell passa atrasado e Brown marca o segundo tento, sem apelo nem agravo



Albano, que se vê no chão, acaba de rematar, vitoriosamente, o 2.º golo de Portugal

4
GOLOS
 NO
ESTADIO
NACIONAL
 —
EMPATE
 —
UMA
INJUSTIÇA!



Travassos, aos nove minutos, recolhe uma passagem de Ben David e aponta tão forte que Cowan não consegue segurar a bola e deixa-a entrar nas balizas. É o 1.º golo de Portugal



Cowan defende com bom estilo uma bola por alto, vendo-se ao pé dele o sempre esforçado Ben David



Os escoceses foram obrigados a fazer, momento-a-momento, futebol de defesa. Fizeram-no com entusiasmo, mas por vezes com ímpeto exagerado

PORTUGAL

vai defender em Milão
o seu título de campeão do Mundo de hóquei em patins

EM Milão, de 28 do corrente até 2 de Junho próximo disputam-se, conjuntamente os campeonatos do Mundo (VI) e da Europa (XVI) de hóquei em patins. A equipa de Portugal — campeã mundial e europeia desde 1947 — parte amanhã, por via aérea, para Roma; e dali seguirá, em caminho de ferro, até Milão. A volta, acabada a prova, uma «viagemzinha» tentadora através do litoral da Itália será a compensação que a F. P. Patinagem oferece aos jogadores. E bem merecem esses garbosos rapazes todas as atenções que lhes são dispensadas.

O calendário do campeonato

— apenas com referência aos jogos dos portugueses é o seguinte: Dia 28 — contra Bélgica (à noite); dia 29 — contra Espanha (à noite); dia 30 — contra França (de tarde) e Suíça (à noite); dia 31 — contra Inglaterra (à noite); dia 1 de Junho — contra Holanda (de tarde) e Egito (à noite); dia 2 — contra Alemanha (de tarde) e Itália (à noite). No caso de se ganhar mais uma vez — como aliás esperamos e é desejo unânime de todos os portugueses — a equipa nacional jogará ainda, no último dia, contra um misto das nações participantes.

Nos cinco torneios anteriores

(em 1936 e 1939 e de 1947 a 1949) o grupo de Portugal obteve, em 33 desafios disputados, 26 vitórias, 2 empates, 5 derrotas e 139-45. Assim discriminado este «palmares»: contra Alemanha — 2 vitórias e 4-2; Bélgica — 5 v., 24-4; Egito 1 v., 13-0; Espanha — 3 v., 11-4; França — 4 v., 1 empate, 25-3; Holanda — 2 v., 24-1; Inglaterra — 3 v., 3 derrotas, 9-12; Itália — 3 v., 2 d., 14-13; Suíça — 4 v., 1 e., 15-8. Classificações: 3.º lugar em 1936 (Estugarda) e 1939 (Montreux); Vencedor em 1947 (Lisboa), 1948 (Montreux) e 1949 (Lisboa).

Para complemento, acrescentem-se, como simples curiosidade, os nomes dos intervenientes e marcadores de golos — entre parênteses — na-

queles cinco campeonatos: Em 1936 — Adrião, Evaristo, Prazeres (3), Olivério (2), Leonel (6), Adão e Magalhães. Em 1939 — Adrião, Lopes, Sidónio (2), Olivério (2), Leonel (2), e Mendes. Em 1947 — Cipriano, Lopes, Sidónio (2), Olivério (2), Jesus Correia (12) e Correia dos Santos (11). Em 1948 — Emídio, Ralo (4), Sidónio (10), Olivério (7), Jesus Correia (20) e Correia dos Santos (15). Em 1949 — Emídio, Ralo (2), Edgar (5), Jesus Correia (12), Correia dos Santos (17), Olivério (2) e Sidónio (1). Olivério é o único jogador que tem golos (15) marcados em todos os torneios — mas Jesus Correia (44) detém o recorde da marcação em partidas para os campeonatos do Mundo.

A equipa que vai a Milão defender os seus títulos é constituída pelos 10 jogadores seguintes: Emídio Pinto, Jesus Correia e Correia dos Santos (Paço de Arcoes), Cipriano Santos, António Ralo e Edgar Bragança (Hóquei de Sintra), Sidónio Serpa (Futebol Benfica), José Henriques (Sporting de Oeiras), Manuel Soares e Fernando Figueiredo (Infante de Sagres: Porto). Sidónio, na sua qualidade de mais antigo elemento da caravana, será o capitão da turma lisuana.

JORGE MONTEIRO

ANDEBOL

Os austriacos perderam no Porto

A equipa dos ferroviários de Viena, depois da estreia fácil contra os conimbricenses, defrontou no domingo, no Porto um grupo misto de jogadores portugueses, e lisboetas, que a derrotou por 10-7, após exibição pouco agradável dos nossos visitantes, cuja classe não é de comparar com a dos sarreses que há dois meses estiveram em Portugal.

Podem os vienenses alegar a ausência de dois titulares doentes, o que obrigou a alinhar, por falta de reservas, o treinador da equipa que foi de princípio a fim um peso morto; mas nada justifica a dureza e o emprego sistemático de certas entradas irregulares e, menos ainda, algumas atitudes desleigadas de que resultou a expulsão de um dos seus elementos.

A tonda, geral de jogo é a mesma usada modernamente por todos os conjuntos: bola conquistada pela defesa, passagem rápida ao ataque e passes laterais ante o muro adversário até abertura para remate; mas nesta última fase são muito mais lentos e imprecisos do que o eram os jogadores do Sarre. Remate forte mas, pelo que vimos neste encontro não vieram ensinar-nos coisa alguma.

O resultado final, já em si bastante expressivo, reflecte ainda a acção pouco feliz do guarda-redes do grupo misto, único responsável de alguns dos tentos sofridos.

O bloco da nossa formação defensiva

embarçou seriamente os atacantes austriacos que, ante a inutilidade dos seus esforços, tentaram furá-lo bloqueando a bola e empurrando de ombro ou entrando de pé à frente. A arbitragem algumas vezes se deixou ludir por estas manobras.

Aos nossos jogadores, cujos progressos na técnica moderna são evidentes, deve recomendar-se insistentemente que façam sempre a obstrução de braços estendidos para os lados em vez de prenderem o adversário entre os braços estendidos à frente, o que, além de ser falta, é muito menos eficiente.

JOSE DE GÇA

Condições de assinatura Pagamento adiantado

Custo por número . . .	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

OFICINA DE CERRALHARIA MECANICA E CIVIL

SERVIÇO PERMANENTE — PRONTO SOCORRO — ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS
ÓLEOS — REPARAÇÕES E CARGAS EM BATERIAS — BOBINAGEM E SOLDADURAS
A AUTOGENIO

Feliciano Marcos Magalhães

Rua Heliodoro Salgado

Telef. 151

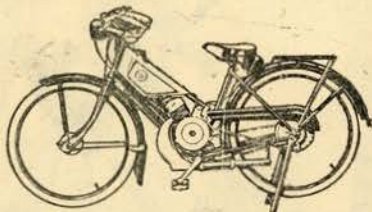
PAREDE



Os mais modernos automóveis para serviço no País e no Estrangeiro

GARAGEM DE RECOLHA E ACESSÓRIOS
OFICINAS PARA REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS
Telefone 1 e 3 ESTORIL

GARAGEM CENTRAL DO MONTE ESTORIL



ESTAÇÃO DE SERVIÇO DA ATLANTIQUE
DE GUILHERME F. GOMES

PRONTO-SOCORRO PERMANENTE

Estação de Serviço, lubrificações automáticas, reparações em automóveis, carga e vende baterias, pneus, câmaras e acessórios, pintura, bate-chapas, soldadura eléctrica, e serviço de torno.

Representante Geral de motores LEVIS para bicicletas

LARGO DE OSTENDE

TELEF. 21

MONTE ESTORIL

CURSO DE TREINADORES OU UMA INICIATIVA FALHADA

Por TAVARES DA SILVA

Já dissémos que este Curso de Treinadores posto a funcionar pela Comissão Administrativa da Federação nos parecia simplesmente obra de fachada. Pelas notícias que constantemente nos chegam confirma-se, infelizmente, essa desoladora impressão.

A Federação construiu um edifício de paredes bem pintadas, mesmo atraentes, mas esqueceu-se das fundações. Sem base ou fundamento, não há obra que resista. As paredes já estão esburacadas, o vento entra por elas dentro e o edifício, tão bem pintadinho, ameaça ruína completa.

Mesmo que se pretendesse dar a defeituosa estrutura que domina o supracitado Curso, devia prevenir-se alguns aspectos fundamentais para se salvar alguma coisa. Ao contrário disto, parece ter havido a preocupação de lançar a desorientação, pelo menos, a confusão, numa iniciativa do género e desta importância.

O mal começou logo pela frequência. Juntaram-se antigos e famosos jogadores com pessoas que não sabiam meter o pé à bola, obrigando todos a fazerem a mesma coisa, ou, no fundo, a não fazerem nada. Em carteiras de escola, ao lado de homens que conheciam profundamente a matéria — alguns deles, pelo menos, ao nível de vários mestres — sentaram-se lado-a-lado outros que desconheciam as primeiras letras do Jogo. Assim, deste modo, nem uns se aperfeiçoaram, nem outros aprenderam.

Admitindo-se uma grande inscriçãõ condenou-se logo o Curso, que, além de tudo, tal como estava organizado, se encontrava condenado de antemão. Vê-se perfeitamente que a execução foi orientada e traçada por espírito que não está ao par do Jogo e da Organização, embora se lhe possa reconhecer boa-vontade.

É verdadeiramente incompreensível como, em função tão complexa como a de treinador ligada a vasta e difícil matéria de diferente índole, se entendeu que meia dúzia de lições era suficiente para investir um indivíduo no desempenho de cargo tão espinhoso.

Se se pensou assim — seria bem melhor ter feito um Curso por correspondência. Porque, ao menos, nesta hipótese, as pessoas ficavam com os «papeis» em casa e, à força de lê-los, talvez lhes entrasse alguma coisa. Do que ouvram, de tão breve e aborrecido, certamente se esqueceram já, a estas horas, logo que viraram as costas à Federação e abandonaram a tesouraria da mesma. Escrevemos na volta do cinema, vendo um indivíduo que precisava de governar a sua vida tirar um curso de dentista numa semana. De posse do diploma, entrou-lhe pelo consultório dentro um homem aflito, que lhe pedia para arrancar um dente, e, vai de aí o dentista

arrancou-lhe a dentadura completa...

Nada queremos dizer porque se trata de um assunto que nos está vedado por imposição própria quanto à competência dos mestres escolhidos pela Federação, alguns dos quais têm um passado em que sobejamente têm evidenciado a sua competência. Mas todos esses mestres teriam qualidades didáticas para as funções docentes? A reacção dos candidatos, em aulas solontas, ou a distraçãõ que alguns deles procuraram, fazendo versos que andaram de mão-em-mão ou trocando epístolas — que responda!

Não queremos formular, porque não seria justo, uma observação que se aplique a todos. José Olímpio, por exemplo, ao proferir a última palavra nas suas lições foi alvo de uma manifestação sincera que irrompeu sem nenhuma espécie de combinação.

As cadeiras fundamentais, dentro da escassa duração do Curso, deveriam ter ao menos uma maior amplitude. Entre a teoria e a prática devia haver mais perfeita correlação. Não escondemos que se tentou o objectivo, mas este não foi alcançado, não só pelo elevado número de candidatos como por falhas de outra natureza.

É injustificável que se tenham dado apenas escassas noções de ginástica aos treinadores que, em clubes que não tenham existência desafogada para ter um professor da especialidade, ou mesmo por impossibilidade deste, se vêm na obrigação de os substituir (num dia de sessão prática, os treinadores viram os jogadores de um grande clube treinar no campo ao lado, tendo oportunidade de verificar que o treinador ministrava ginástica aos seus pupilos). Como poderão esse homens, mesmo que uma vez por outra, dar ginástica, ou então ministrar até os exercícios que são característicos dos jogadores da bola? Pior do que não fazer ginástica, é fazê-la sem se ser racionalmente orientado...

Falamos deste Curso, note-se bem, tal qual foi organizado e orientado. É provável que as nossas palavras sejam duras. Mas quase iríamos jurar que algumas das pessoas da mestranga, em sua consciência, estarão

de acordo com elas. Pelo menos, por palavras, frente aos treinadores, assim o deram a entender. Como conclusão, talvez se possa dizer que aqueles que sabiam da ciência, nada lucraram; e que os que não sabiam, pouco adiantaram. Em qualquer hipótese, torna-se absolutamente impossível saber-se o grau de aproveitamento, e já não referimos apreciar a vocação de cada um. Mas vai passar-se um cartão de frequência do Curso de Treinadores — é o mínimo que a Federação poderá fazer — que é um indicio ou sugestão de competência. Quem nos diz que os portadores desse «cartão» estão aptos, e quem é capaz de afirmar que o seu ensino servirá o Jogo, antes não o prejudicará?

Certamente, queremos acreditar, alguma coisa de útil resultou da iniciativa. Teve ela, sem dúvida, o condão de despertar nos Treinadores ideias e sentimentos, permitindo troca de impressões, e ainda de fazer ver a alguns candidatos um mundo novo que era para eles desconhecido, aguçando-lhes porventura o interesse e a curiosidade. Mas fala-se numa importante quantia, qualquer coisa como cem contos ou mais, despendida com o Curso. Valeria a pena consumir tanto dinheiro? O rendimento da iniciativa justifica-o? Se se abrisse a especialização no Instituto Nacional de Educação Física, que prepara professores de ginástica, trabalhando a Federação em conjunto com o Instituto e dando subsídios para o efeito, não seria mais útil?

Desta dúzia de dias de um Curso estranho ficou ainda uma linha de separação entre treinadores estrangeiros e portugueses — e não vale a pena referir como uns e outros encararam a iniciativa — quando seria muito louvável e benéfico que todos se dessem bem e trocassem pontos de vista, sem se ferirem mutuamente. Este aspecto bastaria para a condenação do que se fez, e de como se fez. Enfim, no último sábado acabou o fadário dos Treinadores com desafios de futebol de brincaadeira, na sagrada camaradagem. Foi a vez que os treinadores mais trabalharam, Curso de Treinadores? — Sem dúvida. Mas semelhante Curso de Treinadores — não!

PRESUNÇÃO

e reclamo pessoal

TODO o indivíduo que pretende continuar no exercício da sua profissão em meio inteiramente novo, necessita de recorrer aos meios de propaganda pessoal para se tornar conhecido da clientela e conseguir ambiente favorável para a sua acção.

Isto é humano, isto é aceitável, mas dentro de certos limites; reclamo pessoal, está certo, mas presunção exagerada, não vale.

Em um dos números da semana passada do diário paquense «L'Equipe» deparou-se-nos uma pequena nota sobre o nosso conhecido corredor ciclista argentino Jorge Valmitjana, que lemos com curiosidade, fundamos com espanto e pontuamos, reflexão feita, com irónico sorriso.

Imaginem os presados leitores que esse senhor, ilustre desconhecido ao chegar a França, como precisasse de encontrar construtor que lhe aceitasse os serviços para correr no país, não esteve com meias medidas: declarou que vinha direitinho de Portugal, onde tomara parte em dezasseis corridas, das quais vencera apenas quinze! Comovedora modéstia! Respeitável sentido das proporções.

Como é natural que o sr. Valmitjana obtenha em França modestíssimas classificações, — a calcular pelo que por cá fez na realidade — os críticos gauleses vão ficar com noção depreciativa muito falsa do valor dos ciclistas portugueses, esses adversários a quem o hiperbólico argentino apenas concedeu, para não parecer mal, uma vitóriazinha em dezasseis competições.

O caso é tão ridículo, que só rindo se pode considerar; talvez o nosso gabarola ex-hóspede se tenha enganado na conta ou então, por lapso na tradução para o idioma de Voltaire, disse vitórias onde queria pronunciar derrotas. É bom frisar que, nestas circunstâncias, a ordem dos factores não é arbitrária.

Capas para Estofos de Automóveis

em fibra lacada americana de 1.ª qualidade para todas as marcas de automóveis em nailon de seda feitas em 8 horas
Plásticos e tecidos de seda exclusivos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

CASA VITOR SILVA

Rua Andrade Corvo, 15 — LISBOA • Telef. 41391

A SELECCÃO PORTUGUESA SUPLANTA A ESCÓCIA

Ben David, o esplêndido centro-avanzado do Atlético e da Seleção Nacional é, não só um jogador notável como um desportista de grande correção, como o demonstra este salto magnífico por cima do guarda-redes — para não o magoar!



Woodburn deixa passar a bola, mas acorre ainda de maneira a afastar o perigo



Uma combinação de Lidell com um companheiro é cortada por Felix. Barrosa está atento.



Toda a defesa da Escócia está em ação para deter Ben David...



Ben David é metido entre dois adversários e não consegue captar o esférico. Ao lado, Pacheco Nobre



Fácil e simples caracteriza os bons jogadores. Bauld contra Bauld e consegue desarmá-lo



A famosa asa esquerda da seleção da Escócia não chegou a tempo desta vez...



Precisamente no momento do remate, Cowan mergulha aos pés de Ben David e arrebatá-lhe a bola

Com a inauguração, no domingo próximo, do grandioso estádio de Braga, com seus 40.000 lugares, está em festa todo o desporto português. Prossegue por esta forma, assinalada em padrões mistos, a obra do Estado Novo para o conveniente apetrechamento desportivo do País.

Depois do Estádio Nacional, cuja fama percorreu Europa e Alcm-Mar — e enquanto no Porto se não ergue a arena a que tem direito a nossa segunda cidade — o Estádio de Braga habilita a progressiva zona norte-portuguesa com o recinto amplo e moderno que lhe permite aspirar às mais categorizadas organizações.

O festival de domingo — grande parada em que colaboram os mais afamados dos nossos clubes de futebol e em que apenas lamentaremos que tenha sido olvidada a participação, embora apenas simbólica, do atletismo — vai reunir no velho burgo minhoto multidão entusiástica, representação local e das regiões circunvizinhas, a demonstrar as possibilidades reais de uma descentralização sobre cuja utilidade a ninguém podem restar dúvidas.

A este Estádio de Braga, seguir-se-á em breve o de Coimbra, já ao serviço mas ainda incompleto nas suas edificações; depois, conforme projectos em estudo ou já aprovados, outros se seguirão espalhados pelos mais activos centros do desporto.

O proximo número da «Stadium» é dedicado à inauguração DO ESTÁDIO 28 DE MAIO, EM BRAGA

PANORAMICA DO ESTADIO DE BRAGA



Flagrantes

Os nossos dois últimos Jogos Internacionais

«**S** E o Franklím jogasse a extremo-direito, teríamos tido no domingo uma grande equipa — declarou um alto dirigente do futebol português após o II Portugal-Inglaterra.

Afinal, como fui tentando provar anteriormente, o meu maluquinho tem idéias tão certas que até os mais qualificados de juízo não têm dúvida em as apresentar. Se as coisas assim continuarem ver-se-hão os médicos na grata posição de terem que conceder-lhe uma alta bem merecida.

E foi com base na referida declaração que o doentinho teve a simpática idéia de me escrever uma carta onde expõe pontos de vista novos e, certamente, tão sensatos como os anteriores.

É sua grande preocupação amenizar a onda de entusiasmo que vai crescendo por esse País fora desde que os Ingleses se viram em palpos de aranha para nos vencer. Não é que o resultado do esforço dos briosos jogadores delixe de ser merecedor de todos os elogios. Não. O que lhe merece atenção maior é o receio de que nos deixamos vencer e aniquillar por uma avaliação desmedidamente entusiástica do verdadeiro valor do nosso futebol.

Os Ingleses, tidos e havidos como mestres incontestáveis do futebol mundial, — diz ele — atravessam uma crise de organização e de valor que está bem eloquentemente posto nos resultados dos jogos da sua seleção B com as similares de Itália e da Holanda. E sobe de ponto a sua compacta e bem sólida argumentação quando diz que melhor seria espreitarmos o que aeterminou a dolorosa derrota que sofremos diante da Espanha — especialmente no jogo de Madrid.

Os espanhóis, sobre serem efectivamente excelentes jogadores de futebol, são ardorosos na luta e, se calha, excedem os limites da dureza para imporem um jeto que é muito dos latinos. Os Ingleses, pelo contrário, no seu alto cinismo — que é talvez a faceta mais simpática no seu carácter — apuram a sensibilidade em situações difíceis mas não usam lançar mão de meios menos dignos ou menos respeitáveis. Isso nos deu, esclarece, alguma oportunidade de aproveitar jogadores que contra muitas outras seleções não seriam os mais recomendáveis. A enladrada e famosa exibição da excelente asa esquerda do grupo do Sporting explica eloquentemente a sua ideia. Foi o desportivismo dos

Ingleses que permitiu a maravilha de bom jogo que o Albano e o Travassos nos deram e seria difícil que espanhóis, por exemplo, houvessem concedido idêntica possibilidade.

E quando se fala dos dois brilhantes jogadores do Sporting pode estender-se o mesmo parecer a todos os homens que estiveram nesse dia na Rua avançada de Portugal. O Rogério — magnífico jogador com quem o público foi deveras injusto — não teria visto a indicação unânime do seu nome, se a partida nesse dia fosse contra qualquer outra representação latina.

E' voz corrente e corresponde à verdade que até os mais responsáveis muitas vezes aconselham os próprios jogadores à prática de actos condenáveis se, para vencer o adversário, fôr preciso impor a força. Sei eu — diz ainda o maluquinho — de um treinador que, ao acaso, até foi dos de maior nome que o nosso país já teve, que aconselhou um companheiro de equipa a que aleijasse determinado jogador que treinava para o domingo seguinte, só porque ele, treinador, não estava de acordo com a sua inclusão na linha. E raciocina o nosso doentinho desta maneira: se entre nacionais, pior, se entre componentes do mesmo agrupamento clubista são possíveis intervenções tão deselegantes, como crer que elas não existam com os demais — sobretudo se uma pernicioso e fatal rivalidade geográfica comanda ou acirra defeitos do próprio sangue.

O novo doentinho tinha e tem sérias preocupações quanto ao jogo com a Escócia. Quando escreveu, nem ele nem eu, sabíamos ainda o resultado final do jogo. E' portanto, de cor que nos manifestamos em tal questão. Mas o futebol escocês tem tanta categoria, pelo menos, como o inglês e não sei se se lembram que um categorizado membro do equipa nos esclareceu que a derrota escocesa mais recente poderia e deveria ter sido absolutamente ao contrário e com resultado bem expressivo.



POR TODOS OS CAMINHOS,
PARA TODOS OS MOTORES

SOCIEDADE NACIONAL DE PETRÓLEOS

CONCURSO DE GINASTICA

A Direcção Geral dos Desportos autorizou já o Lisboa Ginásio Clube a organizar este ano um Concurso Nacional de Ginástica Educativa, aprovando com ligeiras alterações o respectivo regulamento.

Resurge, assim, uma iniciativa que há uma dúzia de anos, partindo do Ginásio Clube Português, alcançou extraordinário êxito e contribuiu poderosamente para a propaganda da educação física.

Os progressos realizados neste campo, tanto sob o ponto de vista didático como metodológico, facilitam bastante a sequência do empreendimento e são de molde a evitar os erros e atritos que asfixiaram a primeira tentativa. Quanto seria agradável voltarmos a ver as classes irmãs da-

quelas que doze anos nos entusiasmaram com sua pericia e correcção, desembaraço e harmonia! Não cremos, porém, que nesta primeira organização a concorrência atinja elevadas proporções; é sempre assim, no início de qualquer empreza, porque é muito do espírito português o receio do confronto antes de ver «como as coisas se passam».

Por nossa parte congratulamo-nos com a organização do Lisboa Ginásio Clube, de cujo feliz sucesso não duvidamos e que poderá servir de alavanca para a criação — enfim — da ambicionada federação de ginástica, falhada sempre nas anteriores tentativas instaladoras por indiferença ou má vontade dos organismos interessados.

A federação só pode ter viabilidade de existência se lhe forem atribuídas funções efectivas; não podendo ser, no caso especial uma entidade especificamente técnica, precisa de ser um organismo realizador ou então não é nada. Entregando-se-lhe a missão de organizar anualmente os campeonatos nacionais de ginástica educativa e desportiva entre os representantes dos clubes filiados, fica com razão de vida e força para atrair adeptos.

Consideramos, por isso, o concurso do Lisboa Ginásio como preciosa acção precursora.

GARAGEM AUTO MONTE ESTORIL

JOSÉ HIPÓLITO DA SILVA

ÓLEOS — GASOLINA — ACESSÓRIOS — PINTURA — BATECHAPAS
ESTUFADOR — MECANICA

Estação oficial de serviço «MOBIL OIL»
Largo D'OSTENDE — MONTE ESTORIL

Telefone E. 302

na capital do NORTE

PARECE coisa fácil. Há pelo menos quem julgue que é fácil. Quando os associados procuram compor os elencos directivos, não falta quem informe:

— Fulano tem dinheiro e é capaz de promover a «compra» de um grupo completo! Deu tantos contos a este, tantos contos àquele...
— Beltrano é meio tonto, destemperado às vezes, sem dúvida, mas é um belo técnico na escrita, é um organizador inteligente; é mais isto e mais aquilo.
— Círcano tem amigos na alta roda, domina um e domina outro...
— E depois?

— Depois será bom fazer dele, ou deles, dirigentes do nosso clube...
E os homens lá entram para a direcção. Revelam-se o que eram antes de entrar na actividade desportiva: pessoas de dinheiro, senhores de saber na solução de coisas desligadas dos desporto, elementos de muitos conhecimentos e amizades... Tudo isso. — Mas, o que era preciso constar da sua bagagem — fica na porta de entrada da sede clubista. Acende-se um fósforo — mas logo se apaga, triste e envergonhado. Aquela luz que se pretendia colocar ao serviço do organismo desportivo, desaparece encantadamente; e a lenda mirra-se, e o sonho do sócio perde-se ao cabo de mais uma época e de um longo compasso de espera...

O que pode inferir-se detudo isto? Que exemplos nos dão com a escolha leviana ou extemporânea?

— Que as rédeas directivas devem ser entregues a quem tenha garra para dirigente. Que um dirigente desportivo tem de ser, pelo menos, profundo conhecedor da vida dos clubes, da vida dos desportos e dos atletas.

— Que o facto de ter dinheiro nem sempre resolve situações especiais, como já por variadíssimas vezes se tem visto.

— Que os espiritos atilados podem impor-se num escritório comercial mas falhar num clube desportivo se «tal coisa» for do seu desconhecimento.

— Que se as boas relações não estiverem ligadas intimamente à corte desportiva, de nada valem quando delas se precisa.

Esta doutrina parece arrojada, mas não é. Para todos os cargos desportivos se procuram figuras que saibam de cór a lição. Procuram-se pessoas que acompanhem a par e passo as colectividades e os seus movimentos ansiosos de progresso. Os clubes não podem dispensar essas pessoas, a colaboração insistente dos que conhecem o desporto em todos os campos.

Se dirigente desportivo não está hoje ao alcance de todos. Não é nenhuma ciência — mas tem que se lhe diga. É preciso ter queda, alguma centelha, o conhecimento exacto das responsabilidades do passado, do presente e do futuro. Talvez mais: — é preciso ter nascido para desportista e para dirigente. Ter dinheiro — é pouco. Saber dar voltas a um escritório — quase nada.

O desporto, precisa de quem o compreenda e o conheça suficientemente. A não se instalar na cadeira directiva o nervo também directivo, cair-se-á mais tarde ou mais cedo na desorientação, na crise desportiva que os profanos embora queiram não sabem considerar.

É necessário, portanto, escolher com todas as cautelas. Ver o problema com inteligência e dignidade. Os sócios dos clubes não podem nem devem alhear-se como por vezes sucede, de um caso de importância vital. Queixam-se muitas vezes do director A ou B, acusando-os de incompetência ou de desconhecimento absoluto das coisas do desporto. Mas raras vezes dão o braço a torcer — dizendo:

— A culpa é nossa! Votamos à toa, em qualquer que nos apareça. Temos o direito de votar, de escolher com segurança, mas não o fazemos...

Não valem, por isso, lamentos tardios ou deslocados. Se no lugar próprio, dentro da assembleia geral, não repararam no erro, no lapsus lamentável, que podem fazer depois?

Aceitar o facto consumado. E fazer o possível para que em novo ano tudo se passe de maneira diferente.

RODRIGUES TELES

Curiosidades...

O Escamardo recorreu para a Direcção Geral dos Desportos de uma decisão da A. F. Porto. Parece-nos, porém, que a sua causa deve considerar-se perdida, e pelo menos a voz corrente nas esferas oficiais.

António Araújo encontra-se há cerca de 2 semanas em Lisboa. Na capital tem consultado alguns professores de medicina.

Chama-se «Futebol» o novo semanário desportivo a sair das 2.^{as} feiras pela manhã. É dirigido pelo desportista António Miguel Costa e Almeida Ferraz Pinheiro de Azevedo e Menezes, sendo o nosso camarada Rodrigues Teles chefe da Redacção.

No lote de colaboradores do novo jornal estão incluídos: dr. Tavares da Silva, dr. Salazar Carreira, Ramon Melcon, Adriano Peixoto, dr. Teófilo Teixeira, Manuel Ramos, Silveira Assis, Fernando Sá, Alberto Lobo, Carlos Pinhão, Pitta Castelejo, Antas Teixeira, Avelar Machado, Manuel Soares, Arnaldo Borges, Henrique Fábido, Lima e Sá, Eosa de Matos, Diamantino Dias, Carlos Ferreira, Francisco Silva, — na maioria jornalistas considerados em todo o país.

Este semanário, embora com 8 páginas de largo formato, custará apenas 180.

O nosso camarada «Diário do Norte», continua a trabalhar activamente na organização da «Volta a Portugal» em bicicleta.

Dizem-nos que o avançado-centro do Sporting de Espinho, Walter, e o guardião Cantara, se fixarão no Sporting... de Lisboa.

Causou consternação nesta cidade o incêndio que inutilizou por completo a sede da Associação Desportiva Ovarense.

Vai efectuar-se a assembleia geral do F. C. Porto, para ser apreciado o relatório e contas da gerência presidida pelo Dr. Miguel Pereira.

O Salgueiros vai promover uma festa de homenagem a Fernando Moreira, o conhecido campeão do F. C. Porto.

Regressou um ciclista espanhol do Académico ao seu país: Espanha. Mas virá outro, e ainda um dos franceses que já representou o clube do Lima.

Dias Santos e Fernando Moreira, desejam concorrer a provas velocipedicas no estrangeiro. «Se o F. C. Porto der autorização», — afirma o primeiro. Mas ambos desistem fazer-se acompanhar por Fernando Moreira de Sá.

VIRGÍLIO

tem grande força de vontade

e há-de recuperar a forma

VIRGÍLIO não pôde ser feliz contra a Inglaterra. Principiou mal o jogo, marcando Finney a muita distância, desfazendo o lance de feituosamente, falhando na imposição das suas principais qualidades: — a dureza, a velocidade, o pontapé fácil e a antecipação.

O público, porém, lembrando-se do Virgílio que marcou Carapeleze e reduziu Gaiana, não o lamentou com estrondo. Como fez a Rogério, por exemplo, Virgílio foi substituído com oportunidade — e tudo se passou da par diante com a maior naturalidade.

Temos a certeza, entretanto, de que Virgílio procurará reabilitar-se. A época internacional findou com o jogo Portugal-Escócia, e Virgílio procurará defender o seu posto na próxima época. Sendo jóvem, Virgílio pode voltar por direito próprio à equipa nacional.

Precisa, evidentemente, de trabalhar com o máximo cuidado, serenidade e bom golpe de vista. Até com modéstia, se nos permittem o conselho. Isso lhe dissemos pessoalmente no próprio domingo do Portugal-Inglaterra.

Conversávamos com o seleccionador nacional espanhol Elizaguirre, durante o banquete do Casino do Estoril quando Virgílio, compreendendo o seu fracasso, reconhecendo honestamente as suas faltas de jogador, nos veio dizer:

— Preciso de ser ajudado. Esta substituição, para os meus nervos, para a minha vontade ferida, pode fazer-me bem mal...

Nós compreendemos Virgílio. Mais do que Elizaguirre. Mas o correcto seleccionador espanhol, que é oficial do exército no seu país, habituado à disciplina do desporto e à disciplina da Vida, faz primeiro a sua intervenção:

— Nada disse Virgílio. O desportista bem formado reage sempre! O desânimo não pode picar a epiderme de um jogador brioso do futebol.

E virando-se para nós:

— Que te parece? Gosto imenso deste moço. Hoje desalentou-se, como se desalentam todos numa situação idêntica. Mas isso passa...

De certeza, diremos nós. As qualidades de Virgílio há-de re florir, se tal quiser. Basta que volte ao seu passado de trabalhador incansável, calcando vaidades possíveis, transformando-se no «crápao» do Entroncamentos que acariñhamos deliberadamente, sem um pedido ou uma sugestão.

A época não lhe correu a carácter. Uma lesão perturbou-o. Alguns lampejos de alegria por ter subido nobremente à internacionalização — também. Há pessoas preparadas para vestir a camisola nacional, Virgílio talvez o não estivesse tanto, deixando-se envolver por elogios demasitados e festas provocadoras.

Será, porém ajudado. Nem precisava de bater à porta dos que, sempre dispostos a lutar, nunca viraram a cara a razões tão ponderáveis como as suas. Virgílio é um atleta brioso. Tem faculdades admiráveis. A boa crítica, sensata e honesta, embora catbendos na hora própria acompanhá-lo-á na recuperação que tanto deseja. Vamos a isso!

CANDIDATOS A MOTORISTAS

De ligeiros pesados e motociclos

Cautela com os anúncios de muitas palavras porque:

O que é barato, sai caro.
O que é bom, custa dinheiro,
E a carta de condução,
Não é obra de fauqueiro.

No que toca a instrutores
Também há uma bitola.
Abaixo, há myltos senhores
Acima, o ANTONIO DA ESCOLA

R. Cor. António Maria Baptista, 24
Telef. 42529

CASA SIMPLÍCIO

Telefone 869

ESTORIL

S. JOÃO DO ESTORIL (sítio da Pôça)
Avenida Marginal

Fogões especiais para aquecimento de água.
Venda, aluguer e reparações.

SERRALHARIA — BICICLETAS — FOGÕES — SOLDADURAS A
AUTOGÊNIO E ELECTRICIDADE
MOTORES ELÉCTRICOS — APARELHOS DE T. S. F.

Camionetes para transporte de carga para qualquer ponto do País

INSTRUÇÕES DE CICLISMO

Para Homens, Senhoras e Crianças, sob a orientação do
antigo corredor J. Aguiar Martins

COMPRAM-SE BICICLETAS USADAS
BICICLETAS NOVAS, REPARAÇÕES, PINTURAS, ACESSÓRIOS e ALUGUER

A FINAL DOS JUNIORES



Académica, o grupo treinado por Alberto Gomes, conquistou o título de campeão nacional de Juniores. Era a 5.ª vez que a Académica participava na final.



O grupo do Benfica, finalista do Campeonato Nacional de Juniores de 1949-50



Os estudantes passeiam o trofeu pelo rectângulo, e não escondem a sua alegria!



Os rapazes do Benfica atacaram com mais pertinência, não conseguindo bater, porém, o guarda-redes da Académica que, aliás, é um jogador magnífico



«RAMA»

HIPISMO

OS PORTUGUESES EM MADRID

Na outra prova da jornada, na qual se inscreveram os quatro cavalos que não haviam disputado a anterior, três de novo se meteram em prêmio — 2.º, 5.º e 10.º. — merecé de boas actuações de «Fébus», «Estemido» e «Caramulo», montados por Cruz Azevedo, José Carvalhosa e Fernando Cavaleiro.

A «Taça de Ouro» foi disputada na terceira jornada e como previramos o triunfo pertenceu à equipa espanhola, agora a gozar da regalia de a disputar em casa. Deverá ser para nós tão difícil arrancá-la agora, como foi difícil aos espanhóis levá-la para o seu país. Não esqueçamos os nossos sete triunfos consecutivos.

O Concurso de Madrid continua a proporcionar lutas de muito interesse entre os cavaleiros peninsulares. As restantes jornadas nos referiremos no nosso próximo número.

ANTAS TEIXEIRA



«MONGUA»

Os três primeiros dias do Concurso Hípico Internacional de Madrid, chamaram todas as atenções para os componentes da equipa portuguesa que este ano se deslocou a Espanha, chefiada e seleccionada pelo capitão Correia Barrento.

Nos dois primeiros, devido às magníficas classificações obtidas pelos nossos cavaleiros, e no terceiro, por ser o dia destinado à famosa «Taça de Ouro da Península», que mais uma vez colocou frente a frente cavaleiros portugueses e espanhóis numa forte luta de equipas.

No dia inaugural do Concurso o «Bohémo», montado pelo comandante Ordoña, conseguiu bater o rapidíssimo percurso de «Mongua» que o capitão Fernando Cavaleiro conduziu no seu estilo tão característico. Isto equivale a dizer que só a dez minutos do fim da prova a nossa bandeira desceu do mastro, onde desde início se conservava.

De oito cavalos inscritos pela equipa nacional seis entraram em prêmio, visto que além do 2.º lugar de «Mongua», há a assinalar o 3.º de «Rama», (Cruz Azevedo); 5.º de «Raso» (H. Calado); 6.º de «Mondina», (J. Carvalhosa); 8.º de «Favorito», (H. Calado) e 10.º de «Estemido» (J. Carvalhosa). Todos os componentes da nossa equipa entre os seis primeiros classificados.

No segundo dia houve duas provas. Na primeira, o tenente Cruz Azevedo, no «Rama», ganhou com imenso brilho o 1.º prêmio, batendo por 6 s. e 3/5 o tempo do 2.º classificado. O capitão Carvalhosa, de novo na «Mondina», fixou-se no 3.º posto.

COM a vitória da Académica de Coimbra sobre o Benfica, por 2-1, terminou no domingo o décimo campeonato nacional de Juniores, em futebol. A partida final disputou-se no estádio «José Alvalade», dirigida por Vieira da Costa, do Porto.

O encontro, aguardado com muito interesse, chamou ao campo do Sporting uma assistência bastante numerosa, que seguiu verdadeiramente entusiasmada às diversas fases do desafio.

A Académica, denotando melhor preparação e manifestando também uma vontade de ferro, deu luta sem tréguas aos campeões e triunfou por mérito próprio. É certo que o Benfica dominou em 2/3 da partida — mas não soube (ou não pôde) concretizar a sua superioridade. E como os desafios de futebol se ganham em campo pela maior quantidade de golos...

Os encarnados, que em 1949 tinham batido o mesmo adversário por 7-0, cederam assim o título que mantinham com galhardia — mas que na altura própria não souberam defender suficientemente. Porque a verdade é que o Benfica, sem dúvida alguma senhor de um conjunto mais afinado e também mais jogado, teve neste desafio, como usam dizer os espanhóis, el santo de espaldas! Foram muitas as ocasiões para gol desperdiçadas — e ainda houve uma grande penalidade (tão flagrante que até o seu autor, Torres, teve um ligeiro momento de hesitação... a ver como era! que o árbitro deixou passar em claro. E no final, quando somente faltavam 2 minutos para o termo do encontro, o guarda-remates, com uma defesa de grande efeito e de recursos, salvou o empate e garantiu o triunfo à sua equipa.

Mas também não há dúvida de que a Académica (descontado o tal penalty que o sr. Vieira da Costa não assinalou) fez tudo para não perder! Firme na defesa, impôs-se com decidida vontade aos dianteiros benfiquistas, acabando por ganhar... defendendo-se.

Mas tudo isto, afinal, é jogo — e é futebol. Assim se ganha. Assim se perde. Parabéns, portanto, aos estudantes de Coimbra pelo magnífico triunfo obtido. E que bem lhes soube e os encheu de legítimo júbilo, provam-no, exuberantemente, com as manifestações de alegria a que não puderam furtar-se quando o jogo acabou.

O primeiro gol pertenceu ao Benfica, marcado por Pipa aos 7 minutos, mas a Académica (Pimentel) levou apenas seis minutos para empatar. O tento do triunfo marcou-o Almiro aos 9 minutos da segunda parte. O Benfica teve ainda tempo suficiente (21 minutos de jogo a dominar) para restabelecer a igualdade — mas os seus dianteiros foram de uma ineficácia arreliadora.

Durante o torneio registaram-se os resultados seguintes: Zona Norte — Vila Real-Braga, 1-1 e 2-0; Porto-Oliveirense, 2-0; Académica-Viseu, 5-0; Porto-Vila Real, 3-0; Académica-Covilhãense, 8-0; Académica-Porto, 1-1 e 3-0. Zona Sul — Ferroviários-Torriense, 2-1; Benfica-Vitória, 1-0; Juventude-Campomaiorense, 1-1, 2-2 e 4-1; Farense-Beja, 2-0; Benfica-Ferroviários, 6-2; Juventude-Farense, 3-0; Benfica-

(Continua na página 14)

OS ORGANISMOS DESPORTIVOS PRESTARAM SIGNIFICATIVA HOMENAGEM a RAUL DE OLIVEIRA



Raul de Oliveira, nosso bom amigo, director do «Mundo Desportivo», foi agraciado pelo Governo da França com a medalha de ouro da Educação Física e Desportiva. Foi um pretexto para as colectividades e os desportistas portugueses lhe significarem o alto apreço e a estima que lhe votam. O jantar de homenagem efectuado no Ginásio Clube Português teve um grande cunho de sinceridade e admiração. Raul de Oliveira merece inteiramente a consagração de que foi alvo.

PATRONE, TREINADOR DO ALGÉS FOI HOMENAGEADO



Hermão Patrone, grande nome da nação, com serviços inestimáveis prestados à Causa, foi alvo de uma expressiva homenagem durante a qual anunciou o desejo de regressar ao seu velho clube, o prestigioso Algés e Dafundo.

ESTORIL PRAIA FESTEJA O 11.º ANIVERSÁRIO



Aspecto do banquete de comemoração promovido pelo Estoril-Praia para festejar a passagem do seu 11.º aniversário. Neste banquete, o sr. dr. Campos Figueira, presidente da A. F. L., anunciou que a questão da Primeira Divisão estava solucionada a favor de «11. Clubes».



Joe Louis campeão mundial de box, fala ao correspondente da «Stadium» no Rio de Janeiro, o nosso prezado companheiro de trabalho Candeiaz Alvarez

O «Demolidor de Alabama» no Brasil

O campeão JOE LOUIS

sauda os desportistas portugueses por intermédio da «Stadium»

JOE LOUIS BARROW, ex-campeão mundial de box, 1,85 de altura, 106 quilos de peso, 1,93 de envergadura, 1,12 de peito distendido, 1,04 de peito normal, nascido a 13 de Maio de 1914, contando precisamente 36 anos, continua sendo três e senhores. Contratado para fazer algumas exhibições no Brasil, chegou ao Rio há cerca de 1 mês, fazendo-se acompanhar não só do seu manager e treinador como ainda de Walter Haffer e Tommy Giorgio, duas raudas promessas do box mundial.

E a capital brasileira agitou-se para assistir às lutas e no decisões de Joe Louis.

Apesar de não decisão desses encontros, o «demolidor» raramente permite que as mesmas tenham a duração aprazada. E não pense os leitores que o faz por comodismo ou pela aparente inferioridade dos seus adversários. É que todos eles não pensam suscitarem ao duro castigo, que uma vitória, mesmo num match sem decisão sobre Joe Louis, lhes traria a consagração definitiva.

E as primeiras lutas de Louis disseram-nos bem do poderio dos seus punhos. A serenidade com que marrela o adversário aguardando a mais pequena brecha ou o mais leve descuido para «meter» a sua famosa esquerda, aliado à impossibilidade pelos golpes recebidos que parece não o molestar, são mais que suficientes para confirmar a sua inegável categoria.

Walter Haffer, apesar de ser considerado um dos mais fortes boxeiras da categoria, não aguentou mais que 4,36, Tommy Giorgio a nova estrela do box, pupilo de Jack Dempsey, resistiu no primeiro combate seis rounds devido à sua invulgar resistência física, no entanto a punição sofrida deixou-o em lastimoso estado. E abrimos aqui um parêntese para explicar como foi possível a Giorgio resistir até ao limite.

Joe Louis na sua primeira luta no Rio de Janeiro, tendo como adversário Haffer, liquidou-o o mais rapidamente possível. Os espectadores quase nem tiveram tempo para ocupar os seus lugares. E como haviam pago caro, vaiaram o famoso lutador. A imprensa no dia seguinte accusava Joe de terminar muito rapidamente as suas exhibições, não dando dessa forma tempo para se aquilatar das suas possibilidades de momento nem para observar os movimentos que o tornaram famoso. E o «bode expiatório» foi Tommy Giorgio. Joe Louis nesta luta deixou o tempo correr e foi massacrando, massacrando, até que

se aborreceu. Depois foi o campeão argentino que só durou 2 m. e 34 s.

Aproveitamos a ocasião de um encontro com o famoso «colored» na Confederação Brasileira de Pugilismo para trocar com ele algumas impressões.

Depois de nos ter dito da sua satisfação em visitar o Brasil, Joe franca e lealmente entrou directamente no assunto.

— Nos Estados Unidos atravessa-se actualmente uma fase em que a renovação de valores não é o que seria para desejar. Existem de facto bons pugilistas, mas nenhum de categoria excepcional. Eu mantenho em diversas cidades escolas de boxeiras e conto com boas promessas, mas o trabalho é cada vez mais árduo para descontinuar uma que sinceramente me satisfaça.

— Que nos diz do seu sucessor, Ezzard Charles?

— É de facto um bom boxeur, mas até ao presente ainda não encontrou a verdadeira pedra de toque. Creio no entanto que Charles está perdido para o box devido à lesão que lhe encontraram no coração. Voltará à vida profissional!! Se quisesse, hoje mesmo, estaria em forma para disputar e arrearcar o título máximo que conservei muitos anos. Mas entendo que devo deixar o lugar aos novos que também têm direito à vida. Hoje sómente me interessa o dedicar-me a estas exhibições que me permitem manter a forma e ao mesmo tempo visitar os Países que eu sempre desejei conhecer.

— Qual é o seu contrato no Brasil?

— Está feito na base de 6 exhibições com a garantia de 30 por cento da receita líquida, num mínimo de 25 mil dólares, ou sejam cerca de 700 contos ao câmbio oficial. Mas as despesas são enormes e se não fosse a vontade de conhecer o Brasil teria desistido.

— Gostaria de se exhibir em Portugal?

— De facto teria grande prazer em conhecer a Península Ibérica. Mas esse é um assunto que depende do meu «manager».

Depois de lhe desejarmos novos sucessos, Joe pediu-nos para saudarmos através da «Stadium» todos os desportistas portugueses, esperando ter ainda a sorte de visitar o nosso País. Senhores empresários. A ocasião é oportuna...

CANDEIAS ALVAREZ

O ESCOSSÊS LIDELL

é o extremo esquerdo
das Ilhas Britânicas



UMA das grandes figuras do futebol da Grã-Bretanha é, sem dúvida, o escocês Billy Liddell. Extremo-esquerdo da equipa da Escócia e que joga no clube inglês Liverpool.

As suas actuações não só constituem tratados de futebol, como também são autênticos êxitos. Nasceu em Dunfermline, Liddell começou a jogar o futebol na Escócia, na cidade de Lochgelly Violet, onde no clube local se destacou logo pelas suas magníficas faculdades físicas e técnicas.

O emanager do Liverpool como bom «farejante» do negócio contratou-o imediatamente. Tinha então nesta altura Billy a idade de 15 anos — uma promessa a despontar em plena pujança física. Era emanager do Liverpool Matt Busby, cargo que hoje ocupa no Manchester United. Matt cuidou logo deste jovem escocês e todos os conhecimentos que tem do futebol deve-os em grande parte a Busby.

A sua ascensão a profissional data de Abril 1939 e jogou na equipa de honra na temporada de 1939/40, participando em 21 desafios nos quais marcou oito golos. Ao estalar a guerra saltou-se na R. A. F. servindo no Canadá e Estados Unidos aproveitando todos os descansos para jogar o futebol. Os seus progressos foram tão grandes que na época de 1945/46 foi seleccionado para a equipa da Escócia; não mais saiu de seu posto.

Apenas não participou no desafio Inglaterra-Escócia, de 1947, por motivo de lesão. Em Maio de 1947 já Liddell era conhecido na Velha Albion como o melhor extremo, jogando na equipa da Inglaterra que venceu o Resto da Europa, fez uma bela exibição. É conhecido na Inglaterra pelo jogador essencialmente perigoso e marcador, pois é rapidíssimo e possui um «tiro» potentíssimo. Nos desafios que tem jogado pelo Liverpool marcou à sua conta 109 tentos em 220 jogos, actuando indistintamente nos dois extremos pois chuta com ambos os pés.

Alguns aficionados chegam mesmo a chamar ao Liverpool o LIDELLPOOL, visto ser este extraordinário jogador quase toda a base do grupo.



Agência Internacional de Viagens

de

Mário Antunes de Carvalho

Agente de Viagens

Passagens e Passaportes

Esta casa devidamente habilitada trata da obtenção rápida de todos os documentos para Viajantes e Turistas e vende passagens aéreas, marítimas e terrestres para todos os portos da

Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central

Informações gratuitas tanto pelo correio como pessoalmente

Rua da Madalena, 152, 2.º - Esq.

LISBOA

Telefone 21455

JOÃO ANJOS

Condecorações

EMBLEMAS ESMALTADOS

Medalhas de Sport / Comemorativas e Religiosas / Insígnias de marcas de automóvel

ESTABELECIMENTO

121, Rua da Misericórdia, 123 — Telefone 2 8071

OFICINAS

Rua da Alegria, 76-94 — LISBOA

CARAVELA DE CASCAIS, L. DA

CAFÉ, BAR, PASTELARIA, CONFEITARIA
CHARCUTERIE, LACTICINIOS E ESPECIALIDADES

TELEFONE 280

RUA AFONSO SANCHES, 19

Única Casa no género aberta até as 2 horas
CASCAIS

ARTIGOS
DE SPORT
E JOGOS

SPRIL

Rua do Loreto
34.2.º — LISBOA
Telefone 2 2797

ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

EXITO ESTRONDOSO DO BALLETT MONTENEGRO

Exito clamoroso da atracção internacional

Consuelo Diaz-Pepe Montes

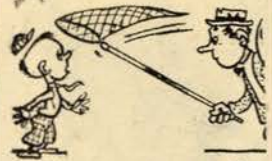
A melhor parelha espanhola da actualidade

Adoracion Reys — Mary Mely — Herm. Goyescas — Hermanas Baron — Olga Mendoza — Zoraida — Herm. Avila — Luiza Royo

AINDA ESTA SEMANA Grande Surpresa

DUAS MELODY BOY'S
ORQUESTRAS ARCADIA

Dinamarca viveiro de "ases"



O futebol em quase todos os países do mundo é o desporto nacional. Contudo, num país como a Dinamarca não existe o profissionalismo, podendo dizer-se ser a única nação onde se encontra o verdadeiro desportista amador.

Os seus jogadores, apesar de isso, são magníficos; os êxitos da equipa nacional daquele país são numerosos e estrondosos, como aqueles que a Dinamarca registou nos últimos Jogos Olímpicos realizados em Londres, classificando-se em terceiro lugar.

A Dinamarca está a sofrer visitas constantes por parte dos «tangariadores» de futebolistas, que fazem nas suas fileiras um desgaste razoável. Actualmente andam pela Europa 13 jogadores dinamarqueses, reforçando clubes franceses, italianos, espanhóis e ingleses e onde a sua extraordinária classe tem sido muito apreciada. Em Itália estão os famosos internacionalistas John G. Hansen, Ploeger, Ivan Jensen, Karl Hansen, Praest (o jogador que o Real Madrid desejou ter nas suas fileiras), Jørgen Toerensen e Erling Doeransen; em França, Kay, Hansen, Bronnee, Cristiansen, e Arne Soerensen; na Inglaterra, Viggo Jensen (Hull City) e em Espanha, Borge Mathiensen (Santander). Com a indicação destes nomes temos a maioria da equipa da Dinamarca que jogou em Londres... Mas apesar desta debandada de jogadores na Dinamarca a sua qualidade última cinco anos uma vitória de nova internacional.

O amadorismo, pelo menos na Dinamarca, não está em crise. É a conclusão a que se chega.

A Final dos Juniores foi ganha pela ACADÉMICA

(Continuação da página 12)

Juventude, 0-0 e 4-2. Em resumo: Académica, 3 vitórias, 1 empate, 17-1; Benfica, 3 vitórias, 1 empate, 11-4. Que dizer: até mesmo antes do final os estudantes tinham feito melhor do que o Benfica.

As equipas finalistas: Académica — Morgado; Paredes e Crespo; Lúcio, Torres e Bráulio; Almiro, Pimentel, Lebre, Eugénio e Sombreiro. Benfica — Chitas; Machado Artur; Gomes, José Manuel e Coelho; Melchior, Onofre, Isaac, Pipa e Alcobia.

Nas nove finais anteriores registaram-se os resultados seguintes: 1938-39 (Salésias) — Sporting-Académico (Porto), 4-0; 1939-40 (Salésias) — Unidos do Barreiro-Académica (Colmbra), 1-0; 1941-42 (Salésias) — Leixões-Carcavelinhos, 6-2 (desempate no primeiro jogo, 3-3); 1943-44 (Salésias) — Benfica-F. C. Porto, 3-1; 1944-45 (Salésias) — Benfica-Sp. Espinho, 1-0; 1945-46 (Tapadinha) — Sporting-Sp. Espinho, 3-0; 1946-47 (Tapadinha) — Belenenses-Académica, 1-0; 1947-48 (Tapadinha) — Sporting-Académica, 2-0; 1948-49 (Estádio Nacional) — Benfica-Académica, 7-0.

Foram, portanto, campeões: Benfica e Sporting (3 vezes cada um), Unidos do Barreiro, Leixões e Belenenses.

JORGE MONTEIRO

Assinem
a "STADIUM"

ATLETISMO

Parece certa a participação da Alemanha aos Jogos Olímpicos de Helsinquia, em 1952. Ignora-se, todavia, se se trata da parte ocidental ou da oriental ou de ambas.

Richard Attlesley, representando a Universidade de Califórnia do Sul, bateu o recorde mundial da corrida de 120 jardas (barreiras) fazendo 13,5 segundos durante a eliminatória de umas provas celebradas em Fresno.

Na corrida final triunfou em 14 segundos. É curioso notar que, entre 1908 e 1950, o recorde apenas baixou de um segundo e meio, pois o americano Forrest Smithson, nos Jogos Olímpicos de Londres (1908) estabeleceu o primeiro «tempo» internacional com 15 segundos.

O negro Mac Donald Bailey, da ilha Trindade, melhorou o recorde de Inglaterra das 220 jardas para 21,1 segundo. O anterior, estabelecido há trinta e cinco anos, pertencia ao grande velocista Applegarth com 21,2 segundos.

No mesmo torneio, que se efectuou no Estádio de White-City (Londres) o lançador inglês Savidge arremesou o peso a 15m,85 e o disco a 45m,60 revelando progressos importantes, em particular na última das modalidades.

Em Fresno (Califórnia) o campeão olímpico Whitfield ganhou os 440 jardas planas (402m) em 46,7 segundos; Joe Biffle pulou em comprimento 7m,80 e a Universidade de Stanford venceu a corrida de estafetas 4x110 jardas em 41 segundos.

CICLISMO

António Bevilacqua apresenta-se como o futuro sucessor de Coppi e Bártali, pois venceu o Campeonato de Itália de estrada derrotando os melhores competidores e os prognósticos mais sensatos.

O cirenito dos Três Vales, disputado em 11 voltas (291,500 Km) foi percorrido em 8 h. 1 m. 59 seg. Durante as primeiras sete a corrida não teve surpresas mas, à oitava, Bevilacqua arancou (como na de Milão-Vicenza) seguido de Martini, que ficou em 2.º lugar. Coppi e Bártali passaram o tempo a vigiar-se e ocuparam os 8.º e 19.º lugares da classificação geral.

Bevilacqua, que já era campeão de perseguição para 1950 juntou novo êxito à sua bela carreira.



Alteres, Almoftados com emblemas dos clubes, Emblemas para lapela, Oleo e Verniz, Raquetes e Bolas de Ténis, Ping-pong, Badminton, Dominós, Lotos, etc., Patos de treino, tudo para Atletismo, Bolas para Waterpolo, Futebol, Volei, Basket, Rugby, etc. PESCA e CAMPISMO, Medalhas, Sandow (para ginástica), Camisas Sport, Sapatos Ténis, Cestos para equipas, Ringués, Taças e Bronzes, tudo para hoquei, etc., etc.

TUDO PARA TODOS OS DESPORTOS

ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE FACILIDADES NOS PAGAMENTOS - PREÇOS BAIXOS

RUA DA MADALENA, 196 - TELEF. 30606



FUTEBOL

A Bélgica, recentemente vencedora da Irlanda pelo volumoso resultado de 5-1, perdeu agora com a equipa principal de Inglaterra, em Bruxelas por 4-1.

Em compensação, a equipa B inglesa deixou-se bater pelo grupo nacional holandês, por 3-0.

O Urugal está em magnífica forma e pode causar uma surpresa importante no decurso do campeonato do Mundo. Na primeira «maço» da Taça Rio Branco, ganharam aos brasileiros por 4-3 perdendo a segunda «maço» por 2-0. Contudo, precisamente neste encontro, os uruguaios revelaram a sua superioridade técnica e tática sobre os brasileiros. O Brasil fez um jogo desconexo, só brilhando o ataque, com Ademir e Chico, a grande altura. A partida de desempate está sendo esperada com natural ansiedade mas os brasileiros não esquecem as suas preocupações sobre o resultado.

A Final da Taça de França coube ao Stade, de Reims, que derrotou o Racing Club de Paris, detentor no ano passado, por 2 bolas a zero. O encontro realizou-se no Estádio de Colombes segundo batidos dois recordes: o da assistência — 61.722 espectadores — e o da receita — 11.477.958 francos.

O Racing, vencedor da Taça em 1936-39-40-45 e 49 parecia mais qualificado para repetir a proeza e dominou incessantemente, na primeira e segunda partes, contudo os avançados mostraram-se incapazes de marcar, pelo extraordinário trabalho da defesa de Reims.

A nove minutos do apito final, quando o empate parecia inevitável, o jovem avançado Mecano furou a barreira defendida por Vignal e dois minutos depois, Petitfils limitou-o. Assim terminou o desafio, contra os melhores vacinados da crítica.

TENIS

Durante um desafio-exibição realizado em Hamburgo, o australiano Bill Sidwell derrotou o veterano barão de Von Cramm, por 6/4 e o seu compatriota Geoff Brown esmagou a «cooperação» alemã, Buchholz, por 6/8, 6/1, 6/4.

BOXE

A última semana foi muito activa, na Europa como nos Estados Unidos, registando-se os seguintes resultados: Joey Maxim, actual campeão do Mundo (semi-pesados) bateu-se contra Billy Petersen, de categoria superior, pondo-o fora de combate ao 6.º assalto. O encontro teve lugar em Memphis.

Roy La Starza, também do grupo dos paquidemos, enfrentou o georgiano George Fuller, na cidade de Waterburgo, e forçou o árbitro a suspender o pleito ao 9.º round, por inferioridade física do aludido Fuller.

Paddy Young, cotado entre os primeiros «médios» americanos, derrotou por pontos o científico Charley Fusari, ao fim de dez assaltos. A luta, além de áspera, foi equilibrada. Rumoreja-se que o campeão europeu, Tibério Mitri, dá, brevemente, réplica ao vencedor.

Na Europa, o campeão de Espanha, Eduardo Lopez, exibindo-se em Genubra contra o «médios italiano» William Poli, ganhou-lhe por pontos.

Realizou-se em Berlim, no Estádio de Waldbuchs, o primeiro torneio germano-americano de boxe. Estiveram presentes 24.000 espectadores, principis dissidias, entre o preto Gene «Tiger» Jones (americano) e o alemão Adolf Kleinhölder, e entre o perigoso negro Lloyd Marshall (americano) e o germânico Conny Rux, tiveram desfechos imprevisíveis.

Jones anestesiou Adolf ao cabo de 30 segundos enquanto que Rux forçou Marshall a desistir ao 3.º assalto, com profundo ferimento na arcada supra-ciliar. Arbitrou os encontros o popular Max Schmeling.

A nova esperança gineusina — à posição de aspirante ao título, depois de bater o duro Lucien Caboché, por pontos (10 rounds), em Chateau-Thierry.

Dick Turpin, antigo campeão da Grã-Bretanha, parece em franco declínio. Exibindo-se em Bruxelas, contra Delannoit, preferiu desistir ao 7.º assalto, sob pretexto de ter a arcada supra-ciliar direita muito ferida.

Por último chega-nos da América a notícia de Willie Pep, campeão mundial de semi-leves, ter derrotado, em Hartford, o modesto jogador Art Llanos, que foi posto fora de combate no 2.º assalto.

NOTA DA SEMANA

A brusca partida de Neil Franklin e do seu companheiro de exílio, Mountford, para a América do Sul, reacendeu o interesse dos dirigentes do futebol inglês, e dos jogadores, por alguns problemas adormecidos mas de grande importância.

Franklin, pilar da equipa de Inglaterra como do clube Stoke City, não desertou — assim os adversários do seu gesto irreverente querem classificá-lo e abandonar dos compromissos assumidos — antes decidiu acabar com uma situação financeira pouco brilhante.

Trinta e oito vezes internacional, quando lhe ofereceram um salário tentador preferiu imigrar. Eis, no final das contas, o «caso» Franklin.

Não é possível negar, ao mesmo tempo, a violação de contratos voluntariamente subscritos, mas esse aspecto do problema pode solucionar-se, a bem, por meio de uma indemnização com o seu antigo clube. Quanto ao resto:

A Colombia não está filiada na Federação Internacional, pelo que a autoridade deste organismo nada pode fazer de concreto. O exemplo é muito mais perigoso, pelos seus efeitos indirectos, que, propriamente, pelos efeitos directos, reforçando a posição da Liga dos Jogadores em face das exigências de uma melhoria de salários e de prémios.

O profissionalismo tem os seus óbices, como se vê. Reconhecendo o futebol como profissão, é de aceitar o critério geral, e, segundo ele, um artista da bola, como das toiradas, do circo ou de qualquer divertimento, dispõe de ampla liberdade para aceitar remunerações em proporção com os seus méritos.

Onde estará o prejuízo, individual ou social, desse critério de liberdade? Francamente, não o descorrimos. Daí a simpatia, que a deliberação de Neil Franklin, fez nascer em Inglaterra, contra o que já se chama a «tirania das transferências» e a «escravatura» do holapé. Avizinha-se, mesmo, um movimento colectivo para melhorar os salários actuais e se o resultado for favorável — como é de justiça — entre a iniciativa do antigo «médios da equipa de Inglaterra merece o louvor dos seus companheiros.

Estamos no limiar da Magna Charta do jogo da bola ou ainda não será desta?

A NUNCIA-SE o regresso da Alemanha às competições olímpicas, conforme se diz noutra lugar desta página, e o Japão, igualmente, activa o treino dos seus futuros representantes.

Estamos ainda em 1950, isto é, a dois anos do projectado certame internacional que se realizará, conforme as previsões, em Helsinquia, capital da Finlândia, no entanto, vários países levam o cuidado do polimento dos atletas a anteciparem por prazo longo a escolha e o aperfeiçoamento dos mesmos.

A primeira vista afigura-se exagerado ou, mesmo, absurdo principiar com antecipação larga o que só se alcança por prazo curto e depende de qualidades intrínsecas. Ora, o valor das proezas atléticas, parece demonstrado conseguir-se mais pela intensidade do treino ordenado do que pela abundância de méritos. Sendo assim, dois anos são prazo normal, a não ser nos países inclinados a improvisar em tempo escasso. Esses, sujeitam-se a decepções inexplicáveis (é como quem diz, incompreendidas) mas um pouco de reflexão justificá-las de sobejo.

Os países latinos, mórmente os peninsulares, sofrem desse daltonismo desportivo, abandonando ao acaso a sua boa ou má fortuna. Pecados de imaginação, como este, pagam-se, em regra, por preço maior do que se deseja e merece.

O Presidente da República Francesa, Sr. Vicente Auriol, foi eleito presidente honorário de um clube de ginástica onde, quando jovem, praticou exercícios de barra, paralelas, etc.

A distinção, por partir de uma colectividade modesta e provinciana, não podia rodear-se de grande aura para aquele que, hoje, se encontra no primeiro posto da magistratura da França. Apesar disso, soube-lhe bem a lembrança dos antigos consciós, que não ignoraram o modesto e dedicado praticante de ginástica de outros tempos. Quando recebeu a nova, Mr. Auriol só não pulou de contente por que isso, na sua idade e posição, parece impróprio. Mas, no íntimo (segundo declarou) assim sucedeu.

RAFAEL BARRADAS



CICLISMO

Findaram os campeonatos regionais do Sul em independentes e amadores

FINDOU no domingo o ciclo dos campeonatos regionais do sul. E se é certo que os amadores seniores voltaram a ter uma prova sem relevo, a verdade é que os juniores tiveram nova jornada brilhante. Temos, assim, que, a parte as corridas de seniores, disputadas apenas com três a quatro concorrentes, os campeonatos regionais se disputaram, este ano, por forma a reforçar a impressão de que o ciclismo atravessa um período de animação, que pode ser condição de progresso.

Joaquim Apolo, do Louletano, Artur Gomes e Eduardo Nicolau, do Benfica, são os novos campeões, respectivamente em independentes, amadores seniores e amadores juniores. O valoroso corredor algarvio tem sido o independente em melhor forma, neste princípio de nova temporada. Ganhou duas provas, fazendo uma média horária excelente no contra-relógio. Na última corrida, classificou-se em sexto lugar. Teve, porém, um efuro à entrada do Estádio do Sporting.

Império dos Santos, do Benfica, ganhou bem a última prova. Eduardo Nicolau é um corredor em plena ascensão de forma. Até agora, em quatro provas, conta três vitórias e um segundo lugar. Tem sido dito já na imprensa que, no estilo, lembra o pai, o antigo campeão José Maria Nicolau. E de facto assim.

A corrida de domingo confirmou o seu valor e suas características. Demorou um pouco a entrar em bom ritmo de cadência, para a sua preparação. Teve, por isso, de dirigir vários períodos de caças. Impôs-se, todavia, no troço final.

Em segundo lugar no campeonato, ficou Armando Pereira, também do Benfica.

Artur Gomes e Américo de Almeida equilibraram-se, na classificação para o campeonato de seniores — cada um ganhando uma prova. O desempate fez-se a favor do corredor que triunfou na prova contra-relógio. Artur Gomes entre os seniores, foi o corredor mais voluntarioso.

Estes são os resultados mais salientes, e os nomes dos melhores corredores, das três provas que contaram para os campeonatos regionais. Aguardemos, agora, o embate entre corredores do sul e do norte do país, para avaliar do valor relativo de uns e outros. O primeiro está marcado para o próximo domingo — campeonato nacional de independentes, a disputar em Lisboa.

M. de O.

1 — Um aspecto da prova ciclista dos amadores juniores, em plena estrada. 2 — Eduardo Nicolau, vencedor da corrida.

O 4.º RALLYE AUTOMOVEL DE LISBOA

Terminou esta prova automobilística. Concorreram 116 automobilistas e apenas disputaram as provas complementares 80 corredores. Ganhou a corrida o inglês Ken Wharton.



O Corunha venceu o Porto, em atletismo, por 44 pontos contra 28. Em cima, a equipa do Corunha. Ao lado, Ramon Taibo, no salto em altura, no recorde da Galiza com 1,80.



ARDINAS DE LISBOA 3 ARDINAS DO PORTO 2

O grupo dos «Ardinas» de Lisboa disputou uma partida amigável contra o Porto, ganhando por 3-2. Ao lado, Lisboa marca o segundo golo; em baixo, as equipas dos «Ardinas» do Porto e Lisboa confraternizam.

